

## NA CONTRAMÃO DA (PÓS-)MODERNIDADE: O “MARXISMO ROMÂNTICO” DE MICHAEL LÖWY

*Fabio Mascaro Querido\**

**Resumo:** O objetivo mais geral deste artigo é apresentar a leitura crítica de Michael Löwy acerca da modernidade. Para tanto, busca-se compreender o trajeto teórico da crítica da modernidade em Michael Löwy, em sua valorização da análise weberiana da modernidade, da crítica de Walter Benjamin às ideologias do progresso e, por fim, da rejeição ecossocialista do modelo civilizatório moderno. Pretende-se, enfim, situar preliminarmente a crítica “marxista-romântica” da modernidade – efetuada por Löwy – no contexto do congestionamento histórico da crença no progresso e na modernização. Parte-se da hipótese, portanto, de que a obra de Michael Löwy, especialmente seus textos dirigidos à crítica da modernidade, responde às transformações contemporâneas do capitalismo, insistindo na necessidade de uma ruptura do marxismo com o paradigma civilizatório moderno.

**Palavras-chave:** crítica da modernidade; marxismo; Michael Löwy; romantismo; Max Weber; Walter Benjamin; ecossocialismo.

### *In the Opposite Direction of the (Post) Modernity: Michael Löwy’s “Romantic Marxism”*

**Abstract:** *The central aim of this article is to present Michael Löwy’s critical readings over modernity. We’ll try to comprise the Michael Löwy’s criticism of modernity theoretical trajet, considering his valuation on M. Weber’s analysis of modernity, Walter Benjamin’s criticism over ideologies of progress and, at last, the ecosocialist’s refuse upon modern civilization. We intend, finally, to situate the “marxist-romantic” modernity criticism – realized by Löwy – considering as context the beliefs on progress and modernization historical collapse. From this hypothesis on, we understand, therefore, that Michael Löwy’s work, especially the writings directed to modernity criticism, answers to the capitalist’s contemporary transformations, insisting that is necessary to marxism to break with the modern civilization paradigm.*

---

\* Mestrando em Sociologia – Unesp/Araraquara. Bolsista CNPq.

*Keywords: criticism of modernity; marxism; Michael Löwy; romanticism; Max Weber; Walter Benjamin; ecosocialism.*

## CAPITALISMO E A EMERGÊNCIA DA (PÓS-)MODERNIDADE

As transformações econômicas e políticas do capitalismo mundial, a partir dos anos 1970, além de ocasionarem importantes mudanças nas estruturas produtivas e institucionais das sociedades contemporâneas, provocaram, igualmente, modificações substanciais nas formas culturais e/ou ideológicas hegemônicas. O colapso gradativo dos “anos dourados” do capitalismo, fundado no desmonte dos alicerces fundamentais do *welfare state* e na emergência vertiginosa de uma “crise ecológica” sem precedentes, impôs à teoria social a necessidade de se pensar as novas configurações do capitalismo contemporâneo, processo que se intensificou ainda mais com a queda definitiva das sociedades pós-capitalistas do leste europeu, em 1989-1991.

Nesse contexto, Fredric Jameson (1996) sustenta a ideia de que a emergência de uma lógica cultural pós-moderna, no espectro do terceiro estágio do capitalismo (tardio), anuncia a completude histórica dos processos e das ideologias “clássicas”, por assim dizer, da modernização capitalista – assumidas, em suas características fundamentais, pelo assim chamado socialismo realmente existente. Nas palavras de Jameson, “o pós-modernismo é o que se tem quando o processo de modernização está completo e a natureza se foi para sempre” (*Ibidem*). Em certa medida, portanto, a ascensão histórica do pós-modernismo é inversamente proporcional ao declínio das apoteoses do “progresso” e da modernização, inclusive em suas versões à esquerda. Daí a proliferação, no âmbito da nova literatura social “pós-moderna”, das várias tentativas de redefinição dos termos que até outrora definiam o “discurso filosófico da modernidade”, seja para negá-lo ou, ainda (como no caso de Habermas, por exemplo), para revitalizar seu “projeto inacabado”.

## MICHAEL LÖWY: O MARXISMO E A ATUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA CRÍTICA DA MODERNIDADE

A obra de Michael Löwy, especialmente seus escritos voltados à crítica do progresso e da modernidade, construiu-se, assim, em meio aos desdobramentos da “crise” dos velhos modelos da “modernização”. Para o intelectual franco-brasileiro, sob tal contexto, também o marxismo “[...] precisa, para enfrentar os problemas atuais, radicalizar sua crítica da modernidade, do paradigma da civilização ocidental, industrial, moderna, burguesa” (LÖWY, 2000d, p. 242), propondo um novo desfecho para a crise, historicamente necessária, da modernidade capitalista, um desfecho capaz de reter, superando, dialeticamente, as possibilidades emancipatórias contidas nas correntes do Iluminismo revolucionário. Nas palavras de Michael Löwy, em uma entrevista que nos concedeu (QUERIDO, 2009, p. 182):

A modernidade tem de ser vista dialeticamente, como já apontava a Escola de Frankfurt; por um lado, temos as conquistas da Filosofia das Luzes e da Revolução Francesa, os valores modernos de liberdade, igualdade e fraternidade, por outro lado, o “progresso” da civilização industrial capitalista moderna, que produziu Auschwitz e Hiroshima e que está nos levando, com uma rapidez crescente, a um desastre ecológico de proporções inéditas.

Assim, partindo da concreta manifestação da “crise ecológica” e das transformações contemporâneas dos processos de acumulação capitalista, o objetivo mais geral deste trabalho é versar algumas notas preliminares sobre a configuração de uma crítica marxista da modernidade na obra de Michael Löwy. Neste trajeto, busca-se, outrossim, uma aproximação em torno da valorização löwyana tanto do *Kulturpessimismus* weberiano quanto da crítica benjaminiana do “culto sonolento do progresso” moderno.

Almeja-se, assim, compreender a forma por meio da qual os textos de Michael Löwy respondem, a partir de uma interpretação específica do legado desses autores, às profundas transformações da (pós-)modernidade capitalista contemporânea, com uma ênfase particular sobre um argumento central que atravessa toda a sua trajetória, qual seja: a defesa da necessidade de que o marxismo radicalize a crítica da modernidade capitalista e de seu paradigma produtivo correspondente, argumento que o levaria, já em meados da década de 1980, a valorizar as potencialidades “revolucionárias” subjacentes à crítica “romântica” da modernidade.

Busca-se, por fim, verificar como essas proposições teóricas se manifestam na perspectiva teórica e política do ecossocialismo (da forma como ele é especificamente concebido por Löwy), “corrente de pensamento e de ação” cuja resposta à crise ecológica, a um só tempo romântica e socialista, constitui também uma crítica às potencialidades destrutivas contidas no interior do paradigma societário e produtivo da modernidade.

### A valorização do *Kulturpessimismus* weberiano

Em sua leitura crítica da modernidade, Michael Löwy incorpora, desde uma perspectiva inconfundivelmente marxista, algumas temáticas e tópicos do pensamento de Max Weber, almejando interpretá-los como instrumento de crítica – conquanto *negativa e resignada* – da racionalidade moderna. Para Michael Löwy, as análises de Weber e de Marx do capitalismo “são, se não convergentes, ao menos complementares”, como bem demonstrou Lukács (2003) no ensaio central de *História e Consciência de Classe* (HCC), redigido em 1922 e considerado pelo próprio Löwy como a obra fundante de uma corrente substancial do marxismo ocidental, a saber: o “marxismo weberiano” (Löwy, 1995)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> “Fusionando a categoria weberiana de racionalidade formal – caracterizada pela abstração e quantificação – com as categorias marxianas de trabalho abstrato e de valor de troca, Lukács reformulou a temática do sociólogo alemão

Em Weber, especialmente, Löwy vislumbra, malgrado a neutralidade requerida pelo autor alemão, elementos de um protesto de inspiração “mais ou menos” romântica contra a modernidade, os quais estariam subjacentes à herança do *Kulturpessimismus* alimentada pelo sociólogo de Heidelberg. Conforme Löwy:

A crítica da *Gesellschaft* moderna, de seu racionalismo impessoal e calculista, de sua mercantilização e mecanização brutal, de sua submissão ao poder totalitário do dinheiro, é um dos *leitmotive* da sociologia alemã na passagem do século. Esta tendência anticapitalista tinha uma coloração *mais ou menos* romântica, na medida em que continha, implícita ou explicitamente, uma atitude nostálgica com relação à *Gemeinschaft* pré-capitalista, às formas mais “orgânicas” da vida comunitária do passado (LÖWY, 1990, p. 70 – grifos nossos).

No limite, tal legado teria fornecido a Weber subsídios para uma percepção – resignada, é bem verdade – das contradições e dos limites da racionalidade moderna, de seu caráter formal/instrumental e, tão importante quanto, de “[...] sua tendência a produzir efeitos que levam à derrubada das aspirações emancipatórias da modernidade” (LÖWY, 2000c, p. 216). Segundo Löwy, pode-se encontrar na obra do sociólogo alemão um apurado diagnóstico da crise da modernidade, projeto amplamente retomado pela primeira geração da Escola de Frankfurt (principalmente nas figuras de Adorno, Horkheimer e Marcuse).

Nessa chave interpretativa, as tentativas de Jürgen Habermas de reformular o conceito weberiano de racionalização – lançando mão de uma forma alternativa de racionalidade (“comunicativa” e não instrumental) – expressariam, em última análise, um esvaziamento das potencialidades críticas contidas nas análises de Weber, na medida em que sinalizariam uma reconciliação definitiva: “[...] com as normas da modernidade ‘realmente existente’” (*Ibidem*, p. 218). Almejando tornar a sociedade burguesa mais fiel à sua própria “utopia racionalista”, Habermas abandona qualquer forma de *Kulturpessimismus* “e acredita na possibilidade de restabelecer o projeto inicial das Luzes, graças a uma forma de racionalidade descurada tanto por Weber como pela Escola de Frankfurt: a razão comunicativa” (*Ibidem*, p. 217).

Bem entendido, mesmo de uma perspectiva marxista (que Löwy reivindica para si), “a constatação brutal de Weber a respeito da contradição irreduzível dos valores”, assim como “sua análise dos resultados alienantes da racionalidade instrumental”, constitui-se como um “[...] ponto de partida mais fecundo para a análise da sociedade moderna que os sonhos de reconciliação linguística dos valores de Habermas” (*Ibidem*, pp. 222 e 223)<sup>2</sup>. “Há palavras que ferem e palavras que matam”, diria Daniel Bensaïd (2008, p. 44). Afinal, “o mundo moderno parece muito mais

---

na linguagem teórica marxista”, consumando uma tentativa de “radicalização anticapitalista” das análises – “livres de julgamento de valor” – do sociólogo alemão (Löwy, 1995).

<sup>2</sup> “Dissociando-se de Weber, Habermas afasta-se também de Marx, para quem a dominação generalizada do valor de troca, a submissão de todas as relações sociais ao pagamento direto em moeda, a dissolução de todos os sentimentos humanos nas ‘águas geladas do cálculo egoísta’ são consequências necessárias e inevitáveis da economia capitalista de mercado” (LÖWY, 2000c, p. 220).

com a ‘guerra dos deuses’ weberiana que com uma amável ‘discussão pública’ dos interesses e valores opostos” (LÖWY, 2000c, p. 223).

## Walter Benjamin e a crítica ao “progresso” moderno

A crítica da modernidade, em Michael Löwy, atinge sua plenitude teórica e política com a incorporação da obra de Walter Benjamin, especialmente a arguta crítica, realizada pelo filósofo alemão, das ideologias do progresso e das concepções lineares da história. A obra de Walter Benjamin, principalmente suas famosas teses *sobre o conceito de história*, impulsionou o que seria, talvez, a maior inflexão no percurso teórico de Michael Löwy. Em suas próprias palavras, em um livro inteiramente dedicado a uma “análise talmúdica – palavra por palavra, frase por frase” – das teses benjaminianas<sup>3</sup>, o intelectual franco-brasileiro assevera que seu “itinerário intelectual” pode ser dividido “em antes e depois da descoberta das teses *Über den Begriff der Geschichte* de Benjamin” (LÖWY, 2005b, p. 39)<sup>4</sup>. Com a incorporação da concepção benjaminiana da história, a crítica da modernidade (da reificação moderna) desdobra-se, na obra de Michael Löwy, em uma crítica radical das ideologias do progresso, características do “discurso filosófico da modernidade”.

Assim, Löwy retoma em outro patamar a valorização da crítica romântica do progresso, crítica que ele vislumbra tanto em Max Weber, Lukács ou na Escola na Frankfurt quanto na concepção da história aberta de Benjamin.

Escapando aos lugares-comuns da história das ideias, o pensamento de Benjamin, segundo a leitura realizada por Löwy, “não é [...] nem ‘moderno’ (no sentido habermasiano) nem ‘pós-moderno’ (no sentido de Lyotard)”. Antes de tudo, a trajetória benjaminiana deve ser compreendida como “uma crítica moderna à modernidade (capitalista/industrial), inspirada em referências culturais e históricas pré-capitalistas” (*Ibidem*, p. 15). Ao modo marxista, a crítica da modernidade, na obra de Benjamin, não poderia abrir mão de algumas conquistas do mundo “moderno” e da tradição iluminista.

Em Benjamin, a crítica da modernidade e do progresso desdobra-se, além do mais, em uma concepção radicalmente aberta da história, na qual a possibilidade objetiva do socialismo convive com a iminência da barbárie. Para Löwy, “a história aberta quer dizer, então [...], considerar a possibilidade – e não inevitabilidade – das *catástrofes*, por um lado, e de grandes movimentos *emancipadores*, por outro” (*Ibidem*, pp. 151, 152). Escolha dos possíveis, o presente define-se pela luta social exaustiva, horizonte sob o qual se desenham os caminhos de um porvir ainda indefinido. A defesa da necessidade de revolução como ato político e processo social coexiste, assim, com a

---

<sup>3</sup> A propósito, permitimo-nos citar a resenha, de nossa autoria, publicada na revista *Estudos de Sociologia*. Conforme Querido (2008a).

<sup>4</sup> “Acima de tudo, a leitura das ‘teses’ (em 1979) afetou minhas certezas, transformou minhas hipóteses, inverteu (alguns de) meus dogmas; em resumo, ela me obrigou a refletir *de outra maneira*, sobre uma série de questões fundamentais: o progresso, a religião, a história, a utopia, a política. Nada saiu imune desse encontro capital” (LÖWY, 2005b, p. 39).

proclamação melancólica de um “alarme de incêndio” em face da catástrofe que se anuncia. Diz Benjamin (2000, pp. 45 e 46 – grifos nossos), em *A Rua de Mão Única*:

A história nada sabe da má infinitude na imagem dos dois combatentes eternamente lutando. O verdadeiro político só calcula em termos de prazos. E se a eliminação da burguesia não estiver efetivada até um momento quase calculável do desenvolvimento econômico e técnico, tudo está perdido. *Antes que a centelha chegue à dinamite, é preciso que o pavio que queima seja cortado.*

Destaca-se daí, conforme a leitura de Löwy, uma “visão dialético-crítica do progresso”, cujos desdobramentos denunciariam a existência de uma *barbárie eminentemente moderna*, “da qual a Primeira Guerra dá um exemplo surpreendente, bem pior em sua desumanidade assassina que as práticas guerreiras dos conquistadores ‘bárbaros’ do fim do Império Romano” (Löwy, 2000b, p. 48).

Não por acaso, Benjamin teria sido responsável por uma das primeiras intervenções marxistas no século XX a colocar decisivamente em questão o ímpeto potencialmente destrutivo da dominação capitalista da natureza. Ao efetuar uma crítica ao conceito de trabalho que “só quer se aperceber dos progressos da dominação da natureza, mas não dos retrocessos da sociedade” (BENJAMIN, *apud* Löwy, 2005b, p. 100), o filósofo alemão antecipou, segundo Löwy, algumas das preocupações ecológicas da segunda metade do século XX, reafirmando, por contraste ao marxismo vulgar – de inspiração tecnocrática e positivista –, a necessidade de um novo pacto entre os seres humanos e seu meio ambiente. Nesse sentido específico, a crítica benjaminiana do progresso e da modernidade capitalista constitui-se como um ponto de partida bastante fecundo para a constituição contemporânea de uma perspectiva ecossocialista, tal como sugere Löwy.

### O ecossocialismo como (auto) crítica – romântico-revolucionária – da modernidade

Nessa toada, a recente *aposta* de Michael Löwy no movimento ecossocialista pode ser pensada como um passo adiante em sua busca pela renovação radical e anticapitalista do pensamento marxista, na contramão das ideologias do progresso e da modernização<sup>5</sup>. A aproximação do marxismo com as lutas ecológicas vincula-se, segundo Michael Löwy, à exigência fundamental

---

<sup>5</sup> O ecossocialismo constitui uma “corrente de pensamento e de ação ecológica que faz suas aquisições fundamentais do marxismo – ao mesmo tempo em que o livra das suas escórias produtivistas. Para os ecossocialistas a lógica do mercado e do lucro – assim como a do autoritarismo burocrático de ferro e do ‘socialismo real’ – são incompatíveis com as exigências de preservação do meio ambiente natural”. Almejando “articular as ideias fundamentais do socialismo marxista com as aquisições da crítica ecológica”, os ecossocialistas, “ainda que critiquem a ideologia das correntes dominantes do movimento operário [...], sabem que os trabalhadores e as suas organizações são uma força essencial para qualquer transformação radical do sistema e para o estabelecimento de uma nova sociedade, socialista e ecológica” (Löwy, 2005a, pp. 47 e 48).

de “uma ruptura radical com a ideologia do progresso linear e com o paradigma tecnológico e econômico da civilização industrial moderna” (LÖWY, 2005a, p. 43). Ela exige, igualmente, a crítica radical do aparelho produtivo capitalista-moderno, assim como da racionalidade que lhe acompanha. Nas palavras de Michael Löwy, o marxismo do século XXI deveria, “contra uma certa vulgata marxista, que concebe a mudança unicamente com supressão de relações sociais capitalistas” (compreendidas como obstáculos ao livre desenvolvimento das forças produtivas), “questionar a própria estrutura do processo de produção” (*Ibidem*, pp. 76). Para Joel Kovel (2003, pp. 153), na mesma perspectiva, mais do que simplesmente intensificar o desenvolvimento das forças “produtivas” existentes,

é preciso reestruturar totalmente o sistema industrial, tendo por objetivo uma reestruturação radical das necessidades dos homens e uma transformação da relação com os bens de consumo, de tal modo que o valor de uso material ponha fim ao regime de troca – enfim, uma transformação social chamada ecossocialismo (tradução livre do original em francês).

Na obra de Michael Löwy, especialmente, a reflexão sobre o ecossocialismo combina-se com o projeto mais geral de restituição do marxismo como crítica radical da modernidade. Assim, enquanto resposta anticapitalista à crise ecológica, o ecossocialismo configura-se como uma tentativa de revitalizar os elementos de crítica à civilização industrial/moderna que se encontram no interior do marxismo e da ecologia (ou, pelo menos, de algumas de suas correntes) e que prescrevem a ambos a condição de “herdeiros da crítica romântica”, a despeito de suas eventuais divergências nas lutas sociais concretas. Para o intelectual franco-brasileiro, “o movimento ecológico constitui, nesse final de século XX, a mais importante forma de renovação da crítica romântica contra a civilização industrial moderna” (LÖWY & SAYRE, 1995, pp. 255).

Muito além de uma escola literária do século XIX, como se acostumou a pensar, o romantismo constitui, para ele, uma “visão social de mundo”, uma *estrutura básica de sentimento* que, desde meados do século XVIII até os dias atuais, atravessa as mais diferentes manifestações socioculturais, da arte à política, passando pela Filosofia, pela Historiografia e pela Teologia (LÖWY, 1990, pp. 35). Com efeito, em que pese seu caráter fabulosamente contraditório, sua diversidade, sua acomodação às particularidades históricas nacionais, o anticapitalismo romântico define-se por uma “fonte luminosa comum”, a saber: a oposição ao mundo burguês moderno. Nas palavras de Michael Löwy,

a característica essencial do anticapitalismo romântico é uma *crítica radical à moderna civilização industrial (burguesa)* – incluindo os processos de produção e de trabalho – em nome de certos valores sociais e culturais pré-capitalistas. [Todavia], a referência a um passado (real ou imaginário) não significa necessariamente que tenha uma orientação

reacionária ou regressiva: pode ser revolucionária tanto quanto conservadora (*Ibidem*, pp. 36).

Sob tal perspectiva, haveria no próprio Marx, em sua *crítica radical à moderna civilização industrial (burguesa)*, “uma dimensão romântica inegável, mesmo que este não seja o aspecto dominante de seu pensamento”. Melhor dizendo, “*o anticapitalismo romântico é a fonte esquecida de Marx*, fonte tão importante para seu trabalho quanto o neo-hegelianismo alemão ou o materialismo francês” (*Ibidem*, p. 43). Não por acaso desenvolveu-se mais tarde uma corrente “marxista-romântica”, dentro da qual poderiam ser incluídas figuras tão importantes do marxismo dialético: de Walter Benjamin até Raymond Williams, do jovem Lukács até Ernst Bloch e André Breton, passando pelos mais contemporâneos E. P. Thompson, Raymond Williams, além, é claro, do próprio Michael Löwy. Nas palavras de Löwy (*Ibidem*, p. 48),

esse tipo de “marxismo romântico” insiste na descontinuidade e na ruptura essencial entre a utopia socialista – como uma forma qualitativamente diferente de vida e de trabalho – e a presente sociedade industrial, e olha com nostalgia para certas formas sociais ou culturais pré-capitalistas.

Fundamentando-se na célebre caracterização gramsciana do marxismo como um “humanismo absoluto”, Löwy (1989) atribui a Marx o trabalho de redefinição, sob o ponto de vista do proletariado moderno, dos valores ético-morais do humanismo clássico, que também estão presentes na crítica romântica da “desumanidade desencantada” do mundo moderno. É justamente no espectro dessa crítica “humanista” ao capitalismo que marxismo e romantismo podem engendrar algumas *afinidades eletivas*. É o que se pode ver, por exemplo, na crítica à “quantificação” da vida social no capitalismo moderno, sobretudo nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de 1844, nos quais o ainda jovem filósofo alemão denunciou o perverso domínio dos valores quantitativos, em detrimento das “qualidades humanas e naturais”. Para Marx, no capitalismo, em lugar do intercâmbio entre qualidades essencialmente humanas – amor por amor, verdade por verdade –, nota-se a domínio cada vez mais amplo dos imperativos do intercâmbio abstrato de dinheiro por mercadoria. O dinheiro, no caso, seria compreendido como “a prostituta universal, o proxeneta universal dos homens e dos povos. A inversão e a confusão de todas as qualidades humanas e naturais” (MARX, 2004, p. 159).

Henri Lefebvre define o romantismo como uma resposta, explosiva e apaixonada, em face da contradição vital entre o ideal de razão universal apregoado pela modernidade burguesa e a realidade econômica e social *realmente existente*, por assim dizer. Em suas palavras, “no emaranhado das contradições vividas pelos românticos, uma delas pode passar por fundamental: a contradição entre a ideologia da burguesia e sua realidade prática” (LEFEBVRE, 1969, p. 340). Em Michael Löwy, igualmente, a *sensibilidade* romântica apresenta-se como uma forma de *autocrítica* da modernidade. “Assim, ao reagirem afetivamente, ao refletirem, escreverem contra

a modernidade, [os românticos] estão reagindo, refletindo e escrevendo em termos modernos” (LÖWY & SAYRE, 1995, p. 39).

Mais do que uma opção ética e/ou política, o conceito de visão social de mundo romântica – tal como construído por Löwy – almeja visualizar as características centrais de uma tendência sociocultural que, longe de ter se esgotado, continua a percorrer muitas das manifestações sociais, culturais e ideológicas existentes, projetando-se em vários momentos e acontecimentos do século XX<sup>6</sup>. Desse modo, a compreensão das potencialidades revolucionárias do romantismo seria um pressuposto absolutamente necessário para a análise de muitos dos processos de lutas sociais e culturais que se sucederam no século passado – uma vez que, ao longo do século XX, elementos do romantismo mantiveram sua “chama acesa” ora sob o signo dos “movimentos culturais de vanguarda”, ora nos assim chamados “novos movimentos sociais”, ou mesmo ao redor do aclamado “maio de 1968” francês<sup>7</sup>.

Ao buscar redefinir o próprio conceito de romantismo, Löwy leva adiante, com novos desdobramentos, uma premissa central de sua obra: a necessidade de se “escovar a história a contrapelo”, enxergando o passado não como a expressão factual do progresso e da “necessidade” histórica (como o fazem os “historiadores prisioneiros do fetichismo das *forças produtivas*”<sup>8</sup>), mas sim como um “paraíso perdido” que é “iluminado pela luz dos combates de hoje, pelo sol que se levanta no céu da história” (LÖWY, 2005b, p. 60). “História aberta” significa, aqui, não somente a abertura das possibilidades do futuro, senão também uma nova escrita da história, desta vez do ponto de vista dos oprimidos, de onde se supõe o imperativo de reescrever a própria crítica romântica da modernidade capitalista. Assim, tratar-se-ia, ainda hoje, de se “enriquecer a cultura revolucionária com todos os aspectos do passado portadores de esperança utópica”, uma vez que o socialismo moderno perde seu sentido mais profundo e radical “se não for também o herdeiro e executante testamentário de vários séculos de lutas e de sonhos de emancipação” (*Ibidem*, p. 57).

## O MARXISMO DE MICHAEL LÖWY: CRÍTICA E AUTOCRÍTICA DA MODERNIDADE

A opção pelo estudo dessa dimensão específica da obra de Michael Löwy assenta-se na hipótese teórica – e metodológica – de que suas análises respondem, ainda que muitas vezes não explicitamente, às novas formas de reprodução das relações sociais capitalistas, caracterizadas

---

6 A formulação da visão de mundo romântica, tal como ela se apresenta em Löwy e Sayre, pretende ser um conceito (*Begriff*) em sentido marxista, “traduzindo” – por assim dizer – o movimento da realidade e, ao mesmo tempo, revelando as contradições e a diversidade do fenômeno (LÖWY & SAYRE, 1995, p. 31).

7 Nas palavras de Löwy: “Certos fenômenos culturais dos mais recentes – notadamente as revoltas político-culturais dos jovens dos países industrializados avançados, nos anos 60 e 70, como também o movimento ecológico que delas resultou – são dificilmente explicáveis sem referência à visão de mundo romântica anticapitalista” (LÖWY & SAYRE, 1993, p. 20).

8 O termo é do próprio Löwy. Consultar Michael Löwy (2002, p. 27). O núcleo desta concepção economicista da história foi muito bem resumido por Edward Palmer Thompson, com sua franca ironia: “Qualquer que seja o nome daqueles que o imperador massacróu, o historiador científico (sempre fazendo anotar a contradição) afirma que as forças produtivas aumentaram”, *apud* Löwy (2000a, p. 79).

pelo “colapso da modernização” e pela emergência de inúmeros questionamentos em relação aos grandes tópicos do pensamento moderno. A exigência de que o marxismo se constitua, em última análise, como *crítica moderna* da modernidade (ou como uma forma de *autocrítica* da modernidade) parece compor parte de uma tentativa mais ampla de renovação do pensamento marxista frente às atuais formas de realização do capitalismo e de seus impactos sobre as “narrativas” da modernidade, iniciadas após a Segunda Guerra Mundial e intensificadas em meados da década de 1970. Conforme sugeriu certa vez Fredric Jameson (1999, p. 193):

Os marxismos (os movimentos políticos, bem como as formas de resistência intelectual e teórica) que emergirem do atual sistema capitalista, da pós-modernidade, da terceira fase do capitalismo informacional e multinacional de Mandel, serão necessariamente diferentes dos que se desenvolveram no período moderno, no segundo estágio, a era do imperialismo. Eles terão um relacionamento radicalmente diferente com a globalização e também, em contraste com o marxismo mais antigo, parecerão ter caráter mais cultural, girando fundamentalmente em torno de fenômenos até então conhecidos como reificação da mercadoria e consumismo.

Ora, em certa medida, o reconhecimento da atualidade histórica de alguns aspectos da crítica cultural/romântica e a centralidade conferida à crítica do fenômeno especificamente *moderno* da reificação manifestam a inserção de Michael Löwy no interior deste “marxismo da terceira fase do capitalismo”, tal como o concebe Jameson. Mais do que uma crítica da economia política, o marxismo é concebido então como crítica radical das bases da civilização moderna, como uma *sombra projetada* que acompanha criticamente a modernidade capitalista<sup>9</sup>. Este parece ser o fundo teórico e político (que unifica e fornece expressão coerente) da valorização, em Löwy, do *pessimismo* sociológico weberiano, da crítica do progresso em Benjamin, do anticapitalismo romântico ou, mais recentemente, da perspectiva ecossocialista, como momentos profícuos para a retomada da dimensão radicalmente anticapitalista do marxismo contemporâneo, cuja crítica do presente deve se completar com uma perspectiva emancipatória orientada para o futuro.

## FONTES CONSULTADAS

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BENSAÏD, Daniel. *La discordance des temps*. Paris: Éditions de la Passion, 1995.

---

<sup>9</sup> Em linhas gerais, essa perspectiva se aproxima em diversos aspectos da obra de Daniel Bensaïd, cuja busca pelo “atual ainda ativo” também assinala uma tentativa de redefinir o projeto socialista frente às configurações contemporâneas do capitalismo (pós-)moderno. Conforme Daniel Bensaïd (1999, 1995), entre outros. Sobre a ideia de crítica da modernidade em Löwy e Bensaïd, conforme Fabio Mascaro Querido (2008a).

\_\_\_\_\_. *Marx intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

\_\_\_\_\_. *Os irredutíveis: teoremas da resistência para o tempo presente*. São Paulo: Boitempo, 2008.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996. p. 13.

\_\_\_\_\_. “Cinco teses sobre o marxismo realmente existente”. In: WOOD, Ellen; FOSTER, John Bellamy (Orgs.) *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

KOVEL, Joel. “Un socialisme pour les temps nouveaux”. In: HARRIBEY, J-M.; LÖWY, M. (Orgs.) *Capital contre nature*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003. pp. 149-154.

LEFEBVRE, Henri. *Introdução à modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

LÖWY, Michael. *Método dialético e teoria política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. *Romantismo e messianismo*. São Paulo: Edusp, 1990.

\_\_\_\_\_. “Figuras do marxismo weberiano”. Disponível em: <[http://anti-valor2.vilabol.uol.com.br/textos/outros/lowy\\_01.html](http://anti-valor2.vilabol.uol.com.br/textos/outros/lowy_01.html)>. Traduzido por Edmundo Lima de Arruda, do original *Figures du marxisme weberien*, de Weber e Marx, em *Actuel Marx*, n. II, PUF, 1995.

\_\_\_\_\_. “A dialética marxista do progresso”. In: BENSÂID, Daniel; Löwy, Michael. *Marxismo, modernidade e utopia*. São Paulo: Xamã, 2000a. pp. 77-83.

\_\_\_\_\_. “Barbárie e modernidade no século XX”. In: BENSÂID, Daniel; Löwy, Michael. *Marxismo, modernidade e utopia*. São Paulo: Xamã, 2000b. pp. 46-57.

\_\_\_\_\_. “Habermas e Weber”. In: BENSÂID, Daniel; Löwy, Michael. *Marxismo, modernidade e utopia*. São Paulo: Xamã, 2000c. pp. 216-223.

\_\_\_\_\_. “MARXISMO, resistência e utopia”. In: BENSÂID, Daniel; Löwy, Michael. *Marxismo, modernidade e utopia*. São Paulo: Xamã, 2000d. pp. 241-247.

\_\_\_\_\_. “Do capitão swing a Pancho Villa: resistências camponesas ao capitalismo na historiografia de Eric Hobsbawn”. *Politeia, História e Sociedade, Vitória da Conquista*, v. 2, n. 1, pp. 23-36, 2002.

\_\_\_\_\_. *Ecologia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses sobre o conceito de história*. São Paulo: Boitempo, 2005b.

\_\_\_\_\_. *Rouge e vert: la perspective écosocialiste*. Éditions La Brèche numérique. Disponível em: <<http://www.preavis.net/breche-mumerique/article/1562.html>>.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

\_\_\_\_\_. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

QUERIDO, Fabio Mascaro. Alarme de incêndio: romantismo, messianismo e marxismo em Walter Benjamin. *Estudos de Sociologia*. Faculdade de Ciências e Letras, Unesp/Araraquara, v. 13, n. 24, pp. 233-238, 2008a.

\_\_\_\_\_. Michael Löwy e Daniel Bensaïd: o marxismo e a crítica da modernidade. *Revista Aurora*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Unesp/Marília, n. 3, pp. 99-109, 2008b.

\_\_\_\_\_. Utopias indisciplinadas de um marxismo para o século XXI: o marxismo como crítica da modernidade. Entrevista com Michael Löwy. *Revista Lutas Sociais*, São Paulo, Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais, PUC-SP, n. 21/22, pp. 179-185, 2009.